

A Operação Uragano Através das Charges: Um Estudo de Caso Comparado dos Jornais *Diário MS* e *O Progresso* ¹

Eduarda Fernandes da ROSA²

André MAZINI³

Centro Universitário da Grande Dourados, Dourados, MS

RESUMO

Este estudo analisa o gênero jornalístico charge e sua construção de sentidos no caso referente à Operação Uragano, ocorrida em Dourados, Mato Grosso do Sul, em setembro de 2010. Este mês foi escolhido como período a ser analisado, nos dois jornais da cidade, *O Progresso* e *Diário MS*. A temática foi embasada teoricamente tanto na área jornalística, quanto nos elementos linguísticos, textos verbais e não verbais, além de humor, ironia, sátira, contexto, entre outros. Para poder contextualizá-las foram utilizados os editoriais e chamadas de capa. A problemática que desencadeou o estudo estava no questionamento das relações entre informação e opinião nos jornais.

PALAVRAS-CHAVE: charge; operação Uragano; humor; contexto; gêneros.

INTRODUÇÃO

Rir é um dos maiores prazeres do ser humano, tanto que em shows de piadas os lugares são ocupados com facilidade. E um dos meios diários de humor, que grande parte das pessoas procura, é a charge nos jornais. Pois elas transmitem uma notícia de forma humorística e irônica, ou seja, de forma opinativa, pois representa o que, muitas vezes, as pessoas acham sobre o caso, mas não veem nas notícias. Assim, o espaço opinativo do jornal, principalmente a charge, é um dos mais procurados, tanto para divertimento como para saber o que o jornal acha sobre determinado fato cotidiano.

A charge parece ser um elemento simples a ser estudado, porém é um texto preenchido por vários outros textos e só é compreendido dentro de um contexto. Ou seja, a charge, como um texto, faz parte tanto dos gêneros jornalísticos opinativos como da linguística.

Neste artigo, o gênero jornalístico charge e seus recursos linguísticos serão estudados para um estudo de caso comparado das principais charges da Operação Uragano, ocorrida em setembro de 2010, em Dourados Mato Grosso do Sul, nos jornais *Diário MS* e *O Progresso*.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Jornalismo, da Intercom Júnior – VII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Jornalismo da Unigran, email: eduardarosa.jornalismo@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Unigran, email: andre_mazini@hotmail.com

E como forma de contextualizar melhor o “cenário” em que as charges se passam também serão utilizadas editoriais e chamadas de capa.

A charge foi escolhida como principal objeto deste estudo, pois tem importância para a documentação histórica de acontecimentos do dia a dia, pois só sabendo de seu contexto é que se pode compreendê-la, como forma de reflexão, ou seja, um meio de levar a população a pensar de uma forma crítica sobre um determinado assunto. Desse modo, mesmo pessoas que não se interessam por leitura de jornais, procuram, nas charges, uma forma de saberem o que está acontecendo de mais crítico no momento. “É de tradição das charges a luta contra a opressão. O poder crítico e satírico do humor gráfico foi importante em certos momentos da história, como por exemplo, na época da ditadura militar. (...)” (RUAS, GRACIOSO e FANTINI, 2005, p. 26).

O editorial é a expressão opinativa do veículo, por isso será usado na comparação para que se possa compreender a ideologia postulada pelo veículo. Já as chamadas das notícias de capa serão utilizadas para que se tenha uma noção sobre quais as abordagens noticiosas que os jornais exploraram, como o principal assunto do dia.

Esta comparação foi proposta para responder a problemática de qual era relação existente entre opinião e informação presente nas charges, editoriais e manchetes divulgadas no *Diário MS* e *O Progresso*, em decorrência da Operação Urugano, durante o mês de setembro de 2010.

GÊNEROS JORNALÍSTICOS: ENTRE A OPINIÃO E INFORMAÇÃO

Alguns dos significados de gênero no dicionário Aurélio (2001, p. 345) é “classe, ordem, qualidade. Modo, estilo”. Contudo o gênero dentro jornalismo é considerado (MARQUES DE MELO, 2010, p. 44) “(...) uma convenção social (HARRO, 2000, p. 92), para as formas fixas das mensagens jornalísticas que ordenam o que é representado diariamente ao leitor. (...)”. Ou seja, formas de dividir os diferentes tipos de textos, que são repassados para o leitor. Com isso pretende-se que o leitor saiba se o que está exposto é apenas informação ou se existe opinião intrínseca.

Contudo em uma publicação, assinada pela redação do site *Comunique-se*, em 1º de junho de 2006, e também citada em *Gêneros jornalísticos no Brasil* (MARQUES DE MELO, 2010, p. 95 e 96), o trecho do texto intitulado “TODO JORNALISMO é opinativo, alguns assumem”, deixa evidente a questão da não existência da objetividade nos veículos jornalísticos, ou seja, que é impossível separar totalmente informação de opinião:

Mino Carta, diretor de redação da Carta Capital, acredita que jornalismo objetivo não existe, pois sua prática é “sempre necessariamente subjetiva”, cabendo ao repórter esclarecer que o que está sendo narrado é apenas sua versão dos fatos. Zuenir Ventura, colunista de O Globo, aponta que o “chamado jornalismo opinativo tem com o leitor um pacto que é mais sincero, não tem a hipocrisia de fingir ser objetivo, isento, neutro”. O próprio Chaparro afirma que a dissociação entre opinião e informação é uma “fraude teórica e moralista” (TODO JORNALISMO...⁴, 2006).

No registro dos fatos era cobrado a objetividade e/ou imparcialidade, porém, como já explanado, essas são praticamente impossíveis já que “(...)cabe ao leitor a interpretação, cabe ao leitor saber que “a idéia de uma linguagem idealmente transparente às coisas não é verdadeira nem mesmo para o discurso mais comum (...)” (MAINGUENEAU, 1996 apud FERREIRA, 2000, p.4), pois existem questões ideológicas, interesses econômicos e intenções.

A intenção do texto jornalístico, mesmo o informativo, é pautado no relato dos fatos e na interpretação do público, mas primeiramente na interpretação do jornalista ou da empresa jornalística. O valor que é dado a cada matéria informativa, é essencial para saber qual a proporção do destaque que ela terá na mídia. Pois, segundo Martinez Albertos (1992, 288 apud CHAPARRO, 1998, p. 102), a informação noticiosa pode ser atual e de interesse público, porém só será notícia “desde que haja sido colhido, interpretado e *valorado* pelos sujeitos promotores que controlam o meio utilizado para a difusão”, que são os profissionais do jornalismo. Ressalta também que essas escolhas acontecem desde o “plano do recolhimento das notícias (...), no plano da análise e organização das notícias (...) e no plano do ajuizamento e comentário dessas mesmas notícias”, ou seja, em todo o processo do exercício jornalístico há o emprego de valores e escolhas.

Assim, a opinião dentro do jornalismo fez com que este se tornasse “num palco de batalhas ideológicas, polêmicas, conflitos políticos, lutas e mobilizações sociais, instrumento de ataque e defesa de idéias” (MARSHALL, 2003, p. 78 apud PEREIRA e ROCHA, 2006, p. 49), e estas podem e devem ser amplamente exercidas em uma sociedade democrática, pois (BELTRÃO, 1980, p. 14) a principal função do jornal é orientar o leitor.

Porém, a opinião do jornal pode ser confundida com sua ideologia ou política editorial, pois a partir do instante em que o jornalismo passa a ser industrial e pensar monetariamente é necessário “medir”, não só as opiniões, mas também as informações ou qualquer outro texto, antes da publicação.

⁴ Disponível em: <http://www.generos-jornalisticos.blogspot.com>. Acesso em 10 mar. 2012

Segundo definição de Luiz Beltrão (1969, p. 81) “(...) a informação é o ato de levar um fato ao conhecimento de outrem (...). Afim que a sua mensagem seja compreendida e dela resulte o entendimento desejado (...). Assim podemos definir a informação como relato de um fato, idéia ou situação”.

CHARGE

A tradução da palavra charge tem significados no inglês e no francês, no primeiro a tradução é “carga” e no segundo “carregar”, ou seja, “a charge é um texto que toma para si conteúdo de um acontecimento ou de uma opinião pública sobre um acontecimento ou notícia. Tem uma carga de significação que o leitor real a toma de uma só vez” (SILVA, 2008, p.43).

José Marques de Melo (2003, p. 167) considera charge como caricatura, mas subdivide-a em quatro diferentes elementos estão a caricatura, propriamente dita, que é o “retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos”, com finalidade de provocar risos e ironia; a charge como “crítica humorística de um fato ou acontecimento específico”, podendo ser representada por imagens ou por imagens e texto; o *cartoon*, uma “anedota gráfica. Crítica mordaz. Geralmente não insere personagens reais ou fatos verídicos”, mas vinculado a fatos e personagens do momento; e o *comic*, que é uma história em quadrinhos.

Porém, Melo (2003, p. 168) deixa claro o cartum e o *comic* não são formatos jornalísticos, pois o autor pode ultrapassar a linha do real e ir ao imaginário do desenhista, já a caricatura e a charge são jornalísticas, pois elas utilizam símbolos e valores, que de uma forma humorística, traduzem a realidade da sociedade, criticando-a.

Um fato relevante a respeito das charges é que elas só sobrevivem em uma democracia, porque como ela nasceu em protestos a políticos, em uma ditadura ou regimes autoritários ela é censurada, pois “incomoda muito os donos do poder” (MELO, 1992, p. 50).

A charge é sempre de um fato ressentido, pois ela vive de acontecimentos reais do presente. Por conta disso, saber seu contexto é de extrema importância para compreender seu significado, pois “seus significados são, frequentemente, complexos, precisando que seu leitor tenha conhecimentos prévios dos temas que aparecem nos mesmos” (SILVA⁵, p. 5).

⁵ Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-7LSPFS/1/1207m.pdf>.

Acesso em: 11 mar. 2012

Assim, quando analisada em outro tempo ou espaço pode perder sua validade, pois o leitor precisa estar situado, informativamente, no contexto histórico-social e político para compreender o sentido do texto e “perceber a crítica que está implícita que possibilita ao leitor um novo acesso, um outro olhar” (GARCIA⁶, p. 5).

Os elementos persuasivos, segundo Arbach (2007, p. 214 apud MAGGIONI, 2011, p.35), também fazem parte da produção das charges, assim são expostos valores, para que os leitores se identifiquem e aceitem, fazendo dessas ilustrações não apenas momentos de distração, mas de alerta, denúncia, e promovendo a reflexão à sociedade.

Em sua construção também se deve levar em conta a capacidade de interpretação do leitor, pois na maioria das vezes ele faz uma leitura rápida do jornal e “passa” pela charge para perceber a opinião editorial do jornal. E de acordo com Marques de Melo (2003, p. 163), a imagem “produz um impacto imediato, seja pela evidência, seja pelo eventual humorismo, nota-se uma participação consciente na captação do cotidiano”. E “seu poder de comunicação é muito mais direto e, por isso mesmo, de fácil compreensão e penetração nas massas, dado sua linguagem gráfica (...)”, como afirma Beltrão (1980, p.83 e 84).

Recursos utilizados pelas charges

Na constituição da charge são utilizados vários recursos para gerar sentido ao fato a que se quer expressar, e alguns desses elementos são a sátira, a ironia e o humor. Eles cooperam na ridicularização do personagem público, o que leva o leitor a rir.

Sátira - Segundo o dicionário Michaelis – UOL, sátira é uma “composição literária mordaz, destinada a censurar ou ridicularizar defeitos ou vícios; censura jocosa; discurso ou escrito picante ou maldizente”. São praticamente com as mesmas palavras que Luiz Beltrão (MELO, 1992, p. 49) conceitua-a e acrescenta que esta é o cerne da caricatura (que muitas vezes também está representada nos personagens das charges).

Humor - O humor é um dos grandes motivos pelos quais as charges são procuradas, porém esse humor é praticamente sempre implícito, pois a charge faz pensar. De acordo com Athayde (2010, p.9 apud FERREIRA, 2011, p.2) o humor proporciona dizer o que muitas vezes não pode ser dito explicitamente no contexto político, manifestando, mesmo que implicitamente protestos e rebeldia.

⁶ Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss05_08.pdf.

Acesso em: 11.03.12

A função do humor é questionar o poder a todo momento. Por isso é altamente revolucionário. Quando Chaplin fazia de bobo um guarda de rua, em seus filmes, sabia que ridicularizar o poder descontra o ser humano e o faz rir. Portanto o humor veio para contrapor regras sociais, questioná-las e desconstruir. (LOVETRO, 2007 *apud* KLEIN e MIANI, 2008, p. 3)

Ironia - A crítica irônica é uma das grandes provocadoras do humor, dentro do gênero chargístico. Ironia seria dizer o contrário do que as palavras significam, ou seja, dizer de forma séria o que não é sério, e vice-versa.

Assim, Hutcheon (2000 *apud* SILVA, 2008, p. 51), diz que ironia, “sob a perspectiva do interpretador, é uma jogada interpretativa e intencional: é a criação ou inferência de significado em acréscimo ao que se afirma com uma atitude para o dito e o não dito”.

Linguagem Verbal e Não Verbal

As charges, em muitas das vezes, utilizam dos recursos das linguagens verbais e não verbais para expor sua crítica, por isso pode ser muito mais complexa do que aparenta ser, e precisa de diversos entendimentos para ser interpretada em sua totalidade pelo leitor.

A linguagem verbal é representada pelos símbolos de significação de uma língua, por exemplo, um texto falado ou escrito, que significa alguma coisa para alguém. Todos esses elementos para a construção do texto, segundo Koch (2001, p. 18), quando a palavra é introduzida na charge ela é muito bem pensada e formulada, para alcançar um objetivo: o entendimento da crítica expressa.

O texto não verbal é representado por imagens, cores, sons, gestos e formas, podendo acontecer “naturalmente”, pois não é preciso ser alfabetizado para entender esse tipo de linguagem. A autora Lucrécia D’Aléssio Ferrara explica como são realizadas as leituras não verbais:

(...) é uma maneira peculiar de ler: visão/leitura, espécie de olhar tátil, multissensível, sinestésico. Não se ensina como ler o não-verbal. É mais um desempenho do que competência porque, sendo dinâmico, o não-verbal exige uma leitura, se não desorganizada, pelo menos sem ordem preestabelecida, convencional ou sistematizada. Porém, o não-verbal aprende com o verbal a qualidade da sua competência e o rigor da sua organização. (2007, p. 26)

Os textos verbais e não verbais presentes na charge, ou seja, texto e imagem têm uma relação complementar, pois como afirma Kalverkämper (1993, p. 207 *apud* SANTAELLA,

2008, p. 54), “imagem e texto têm a mesma importância. A imagem é, nesse caso, integrada ao texto. A relação texto-imagem se encontra aqui entre redundância e informatividade”.

Implícito/Explícito

Em diversos tipos de textos, seja ele verbal ou não verbal, existe algo explícito ou implícito, isto pode ser demonstrado por um gesto, interjeição, silêncio, reticências, aspas, algo dito ou não. Koch (2001, p. 25) ao dizer que “o sentido não está no texto, mas se constrói a partir dele, no curso de uma interação” ilustra a explicação com a metáfora do iceberg: o iceberg é uma gigante estrutura de gelo que flutua sob a água, porém devido ao seu peso, apenas uma pequena parte de seu tamanho, 10%, é mostrado fora da água, e 90% fica escondido. A autora metáforiza dizendo que o iceberg todo seria o contexto, os 10% que ficam para fora, é o que está explícito no texto e o resto, 90%, seria o implícito.

Isto seria o “normal” do texto, porém esses valores podem ser alterados de acordo com os conhecimentos que o receptor tenha do contexto. Com isso para compreender, principalmente, os implícitos na charge é preciso “saber mover-se no texto, aceitar a provocação feita pelo artista, interagindo com a autonomia textual, pois quando estes segmentos saem das mãos dos seus autores, o texto ganha vida própria e sentidos infinitos” (GARCIA⁷, p. 6).

Pois, de acordo com Bakhtin (1992, p. 290 *apud* Koch, 2007, p. 12), o mergulho por este universo mais escondido e profundo vai além de saber o contexto, precisa deduzir e interagir com o texto, porque o sentido que explicitamente “não está lá”, vai sendo construído pelas “sinalizações” textuais e os conhecimentos do leitor, que durante a leitura, se posiciona a respeito da ideia do autor.

ANÁLISE COMPARATIVA DAS PRINCIPAIS CHARGES DA OPERAÇÃO URAGANO

Operação Uragano

A semana da pátria, em setembro de 2010, iniciou com a prisão de vários políticos do poder executivo e legislativo de Dourados, Mato Grosso do Sul. A operação realizada por duzentos policiais Federais, recebeu o nome de “Uragano”, que significa furacão, em italiano.

⁷ Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem03pdf/sm03ss05_08.pdf. Acesso em: 11 mar. 2012

A Operação Uragano executou a prisão do prefeito Ari Artuzi (PDT), o vice-prefeito, Carlinhos Cantor (PR), nove vereadores, entre eles o presidente da Câmara, Sidlei Alves (DEM), e ainda 18 pessoas acusadas de fraudes em licitações, corrupção ativa e formação de quadrilha. O assunto foi repercutido tanto em jornais nacionais, como internacionais.

O denunciante do esquema foi o secretário Municipal de Governo, Eleandro Passaia, que disse aos jornais da cidade, *Diário MS* e *O Progresso*, que a corrupção acontecia há mais de 20 anos no município e que Artuzi recebia, aproximadamente, R\$ 500 mil mensais referentes às propinas.

O site G1, de São Paulo, divulgou no dia primeiro de setembro de 2010, às 09h17, uma nota da polícia: "Os acordos fechados com as empresas escolhidas ilicitamente rendiam 10% do valor do contrato. Os valores arrecadados serviam para o pagamento de diversos vereadores de Dourados (da situação e da oposição), para caixa de campanha e compra de bens pessoais do prefeito". O site informou ainda que "as investigações começaram em maio e aponta a participação de secretários municipais, empreiteiros, prestadores de serviços, vereadores e servidores públicos".

No dia das prisões a primeira-dama, Maria Aparecida de Freitas Artuzi, também foi detida em caráter temporário. O delegado da Polícia Federal responsável pelas investigações, Bráulio César Galloni, disse que Artuzi utilizava o dinheiro desviado para comprar "cabeças de gado e imóveis urbanos e rurais". A PF também conduziu 38 pessoas para prestar depoimentos.

Como todos os representantes do legislativo e executivo perderem o poder, o judiciário teve que assumir o cargo⁸ da administração do município, que fica a cargo do juiz Eduardo Machado Rocha. Durante o mês de setembro de 2010 aconteceram várias manifestações populares e os desdobramentos do assunto ficaram em evidência praticamente em todos os dias do mês.

Jornais analisados: *Diário MS* e *O Progresso*

O jornal *Diário MS* teve sua primeira edição circulada em 15 de setembro de 1993 e seu primeiro proprietário, de acordo com Luciano (2003, p. 27 in AGUIAR, 2008, p. 18) o vereador Paulo Falcão (PMDB), em 1983. "Foi considerado um dos jornais mais críticos, pois fazia oposição ao sistema, partidário dos grupos de esquerda". Era um semanário em formato tabloide e circulava em Dourados e Caarapó.

⁸ Constituição Federal Brasileira, 1988 – Artigos 34 e 35.

Em 1985, passou a ser de Vitoriano Carbonera Cales e em abril de 2011⁹ o jornalista Alfredo Barbara Neto, assumiu o jornal como único proprietário da empresa.

A história do jornal *O Progresso*, começa em 1920, em Ponta Porã, de acordo com Suzana Arakaki (2003, p. 108), onde o advogado e jornalista Rangel Torres começou a circular o jornal, mas por motivos de perseguição política o jornal parou de ser produzido. Em 21 de abril de 1951 voltou a circular em Dourados, sob a direção de seu filho, Weimar Gonçalves Torres. Weimar era ligado a política e em Ponta Porã foi vereador pelo Partido Social Democrático – PSD, em Dourados elegeu-se a deputado federal e estadual, por esse mesmo partido.

Vítima de um acidente aéreo, Weimar morreu em 14 de setembro de 1969. Atualmente quem administra o jornal é a viúva de Weimar Adiles do Amaral Torres e suas filhas Blanche e June Torres.

Episódios comparados

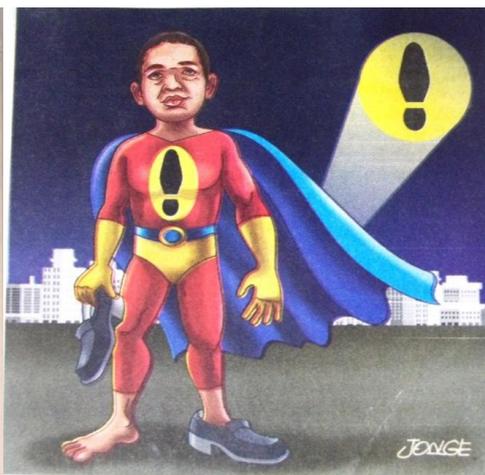
Durante os desdobramentos da Operação Uragano referidos jornais transmitiram opinião informação a respeito do caso e em duas ocasiões específicas é possível averiguar que a opinião expressa por meio da charge é reflexo da informação parcial, são os episódios da “sapatada” e a referência ao delator do esquema, Eleandro Passaia.

No episódio da “sapatada”, em que um manifestante, durante uma sessão da Câmara de Vereadores, jogou um sapato contra o vereador que presidia a sessão, Aurélio Bonatto, o jornal *Diário MS* se manifestou dizendo que era um ato de vandalismo, já para *O Progresso* o manifestante foi retratado como um trabalhador, um herói. E isso foi repassado nas charges:

⁹ Disponível em: http://www.diarioms.com.br/leitura.php?can_id=21&id=130241. Acesso em: 04 maio 2012



Charge – 10/09/2010 – sexta-feira - Publicada na edição 4.441



Charge– 14/09/2010 - terça-feira – publicada na edição 11.012

Durante entrevista com os diretores dos veículos eles explicaram o porquê da opinião do jornal ter sido exposta daquela forma. O diretor do *Diário MS*, Alfredo Barbara Neto, disse “Tenho certeza que aquilo foi um ato de vandalismo, porque todos tem a liberdade para se manifestar como, quando e da forma que quiser, mas não posso aceitar que a manifestação seja em forma de agressão ou qualquer tipo de agressividade”.

Já a diretora, June Torres, de *O Progresso*, afirmou que ele era um trabalhador simples que estava com a mãe doente no hospital:

Ele falou chorando que “eu nem sei porque fiz isso, porque enquanto a gente está com um problema de saúde na família e não consegue atendimento, esses caras estão todos bacanas aí fazendo isso, prejudicando”. Se a situação da população está assim é porque eles fizeram isso, então por isso nós o tratamos como um trabalhador, não como um bandido, nem como um cara que queria se aparecer.

Neste dia pode-se ver claramente o posicionamento dos dois jornais, pois enquanto o jornal *Diário MS* foi contra o ato e disse em sua manchete (10/09) que “Manifestantes ocupam Câmara e impedem sessão com vereadores indiciados pela Polícia Federal”, o jornal *O Progresso* diz que “Revolta impede sessão da Câmara”.

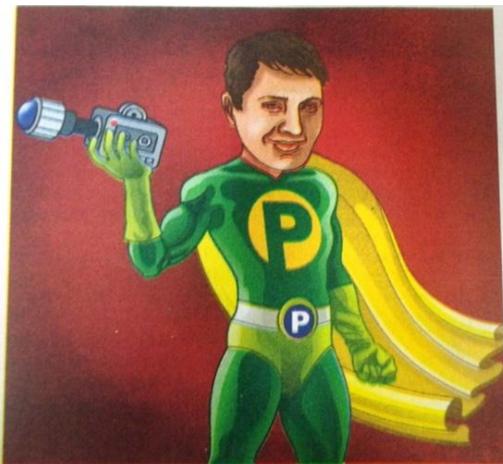
Este é um dos episódios em que os posicionamentos dos jornais são diferentes, pois *O Progresso* faz uma charge no dia seguinte do “super-homem” da sapatada (charge acima) e coloca ainda em sua capa o manifestante ganhando um par de sapatos novos. Ou seja, para um jornal o ato foi condenado e inadmissível, já para outro foi considerado um ato heroico. A charge do *Diário MS* mostra a indignação do sapato por ter sido jogado, enquanto *O Progresso* mostra com orgulho o “herói da sapatada”. Nesta situação ambos os jornais

transmitem sua opinião fazendo com que a informação “caiba” dentro de seus parâmetros de pensamento.

Contudo, no dia 15/09/2010, Quarta-feira, apesar de o jornal *O Progresso* ter posto o manifestante como trabalhador e herói, no editorial “Baderna instalada”, o jornal deixa claro sua reprovação quanto a protestos violentos, ou seja, uma suposição é que o veículo só tenha apoiado o ato do manifestante por conhecer a sua história e também por não ser um ato considerado grave, pois não feriu o vereador. Caso contrário, como o da manifestação na Câmara de Vereadores, que resultou além de confronto com a polícia a danos físicos ao prédio, o jornal se mostra oposto, tanto que o classifica como um ato de “selvageria”.

O segundo episódio em que ficaram mais evidentes as opiniões dos veículos foi o que envolveu o denunciante do esquema de corrupção, Eleandro Passaia. O jornal *O Progresso* fez várias matérias, entre notícias e reportagens, entrevistando Passaia sobre os casos de corrupção e divulgou seu livro, lançado após o esquema desmanchado, que contava a história de corrupção do município. Já o *Diário MS* divulgou notícias concedidas por Passaia não exclusivamente.

O jornal *O Progresso* nos dias 4 e 5/09/2010 produziu uma charge representando Eleandro Passaia como um “super-herói”, por ter denunciado o esquema corrupto. Já o *Diário MS* só se pronuncia em seu espaço destinado a charge sobre Passaia no dia 16/09/2010, quando descobre que o denunciante ganhou a delação premiada para denunciar o esquema. Assim este jornal aponta em sua capa, editorial e charge que Passaia só denunciou a corrupção por que também estava envolvido nos crimes, pois se participasse da investigação ganharia o “perdão judicial”.



Charge – 04 e 05/09/2010 – sábado e domingo - publicada na edição 11.005



Charge 16/09/2010 – Quinta-feira – publicado na edição 4.445

No dia seguinte da revelação do *Diário MS*, *O Progresso* defende Passaia publicando a notícia que segundo o Ministério Público “Não há denúncia contra Eleandro Passaia”. O *Diário MS* também opina sobre a atitude de Passaia e deixa claro que ele não era o mocinho que dizia ser.

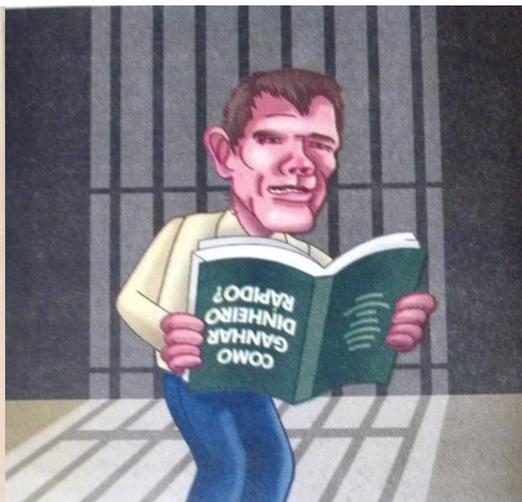
Com isso se vê a opinião dos dois veículos, pois anteriormente o *Diário MS* não havia dado tanto destaque a Eleandro Passaia, ao contrário de *O Progresso*. Pois como o *Diário MS* não acreditava em Passaia, somente quando foi algo negativo a seu respeito que publicou com destaque tanto na manchete, como no editorial e na charge. Já *O Progresso* era a favor de Eleandro, com isso publicou diversas vezes em sua capa reportagens com a versão dele. Contudo, ambos os jornais compartilharam da mesma opinião no aspecto envolvendo o fato, de que Ari Artuzi não foi um bom administrador para o município.

O jornal *Diário MS* é o que mais critica Artuzi, principalmente em seus editoriais, onde em várias ocasiões analisadas pode-se perceber que enfatiza a má escolha do eleitor e que ele fez uma administração incompetente, chamando o de “aventureiro, semi-analfabeto, que só queria, segundo as investigações da polícia, se apossar do dinheiro público”.

O *Progresso* é mais implícito em sua opinião editorial, especificamente sobre o caso e Artuzi, mas destaca que é preciso saber votar, isto devido à ocasião da prisão do prefeito e vereadores na cidade. Também ressalta, com tom de indignação, a possibilidade de os eleitores venderem seus votos por “vales-gasolinas”, principalmente por ter acabado de passar por uma situação, que foi divulgada nacional e internacionalmente, de corrupção. E critica as leis brasileiras que tem muitas brechas, justamente por serem feitas por corruptos. Porém, os dois jornais tem a opinião que Ari Artuzi, o prefeito que chefiava o esquema de corrupção, tinha baixa instrução educacional e pouca aptidão para administrar o município, como pode ser percebido implicitamente nas charges estudadas:



Charge – 03/09/2010 - sexta-feira - Publicada na edição: 4.437



Charge 08/09/2010 - quarta-feira - publicada na edição 11.007

Assim, percebe-se que os dois veículos eram contra a administração de Ari Artuzi, porém durante o desenrolar do mês de setembro de 2010 foram demonstrando suas opiniões sobre casos específicos, como os discutidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pôde ser visto a charge é um texto complexo composto por textos verbais e não verbais. O motivo inicial deste estudo era conhecer as relações existentes entre a opinião e a informação presentes nas charges, editoriais e chamadas de capa divulgadas no *Diário MS* e *O Progresso*, usando como contexto a repercussão jornalística sobre a Operação Uragano, durante o mês de setembro de 2010.

Ao longo da pesquisa constatou-se que ambos os jornais tinham contratos com a prefeitura, como confirmado pelos diretores entrevistados. Segundo eles, o contrato com a prefeitura é permanente, pois o poder público ainda figura como principal cliente dos jornais regionais. Assim, no mês de agosto, antes da divulgação e prisão dos envolvidos na Operação Uragano, anúncios e releases (matérias produzidas pela assessoria de comunicação da prefeitura) sobre ações da Prefeitura Municipal de Dourados tinham espaço na capa, em alguns dias.

Neste trabalho verificou-se que as charges constituem uma das principais estratégias dos periódicos no sentido de materializar um posicionamento editorial. E que a informação veiculada pelas notícias influencia na opinião do veículo, pode ser confirmada na situação em que houve compartilhamento de opinião de ambos os jornais, na análise comparativa, a respeito da administração de Artuzi.

Como visto na contextualização histórica, ambos os jornais tiveram em sua origem influência política de seus idealizadores. *O Progresso* de Weimar Torres, que era do PSD e Paulo Falcão do *Panfleto*, anterior ao *Diário MS*, que era do PMDB. Mas, apesar das análises é difícil dizer com certeza qual a linha política dos jornais, mas o que se pode afirmar por este estudo é que Artuzi não ganhou apoio editorial dos veículos e que cada um conforme suas ideologias foram analisando as situações específicas e se posicionando sobre os casos, como já referenciado nas análises anteriores.

Com os estudos realizados é intrínseca a relação existente entre opinião e informação presente nas charges, editoriais e manchetes divulgadas no *Diário MS* e *O Progresso*, em decorrência da Operação Uragano, durante o mês de setembro de 2010, em que o assunto estava em mais evidência. Pois, como foi apresentado na análise teórica, a informação não consegue se expressar sem ter base em uma opinião formada. Pois mesmo ao colher as informações dos fatos, estas são escolhidas de acordo com as ideologias de cada um ou de cada veículo, assim nas opiniões estão presentes informações e nas informações também estão presentes as opiniões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **A imprensa informativa**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo Opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

CHAPARRO, Manuel Carlos de. **Sotaques d'aquem e d'além mar – percursos e gêneros do jornalismo português e brasileiro**. Santarém: Jortejo, 1998.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. 5.ed. – São Paulo: Ática, 2007

FERREIRA, Luiz Antonio. **Intencionalidade, jornalismo opinativo e leitura**. São Paulo, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v4n6/26.pdf>. Acesso em: 11.03.12

FERREIRA, Renato Fonseca. **A charge política em Goiás como ferramenta da arte comunicação na abordagem de Mariosan**. Goiás, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Renato%20Fonseca%20Ferreira.pdf>. Acesso em: 11.03.12

KLEIN, Alberto; MIANI, Rozinaldo Antônio. **A mídia, o sagrado e as imposturas da imagem: implicações semióticas das charges de Maomé**. Porto Alegre, 2008. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4808/3612>.

Acesso em: 11.03.12

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. – 5ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2001

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2007

MARQUES DE MELO, José. e ASSIS, Francisco de. (org) **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

PEREIRA, Rose Mary Ferreira. ROCHA, Thaís Ferreira da. **Discurso midiático: análise retórico-jornalística do gênero**. Maceió, 2006. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/pereira-rose-mary-rocha-thais-discurso-midiatico.pdf>. Acesso em: 11.03.12

RUAS, Danielle; GRACIOSO, Juliana; e FANTINI, Karina. **HUMORNALISMO**. São Bernardo do Campo, 2005.

SANTAELLA, Lucia. **Imagem: cognição, semiótica, mídia**. 1ª edição, 4. Reimpressão – São Paulo: Iluminaras, 2008.

SILVA, Rosilene Alves da. **Charges: do discurso “político” eleitoral ao discurso político da opinião pública**. Belo Horizonte, 2008. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/1843/ALDR-7LSPFS/1/1207m.pdf>. Acesso em: 11.mar.2012

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro**. 3ª edição. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

MAGGIONI, Fabiano. **A charge jornalística: estratégias de imagem em enunciações de humor icônico**. Santa Maria/RS,2011. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/poscom/wp-content/uploads/2011/08/Fabiano-Maggioni-Disserta%C3%A7%C3%A3o-2009.pdf>.

Acesso em: 11.03.2012